

Altamente Recomendável –
Categoria Reconto, FNLIJ, 2011.

Contos e lendas de um vale encantado — uma viagem pela cultura popular do vale do Paraíba

© Ricardo Azevedo, 2010

| | |
|--------------------------|--|
| Editora-chefe | Claudia Morales |
| Editora | Anna Angotti |
| Editora assistente | Lavínia Fávero |
| Estagiária | Thais Rimkus |
| Coordenadora de revisão | Ivany Picasso Batista |
| Revisoras | Bárbara Borges Cynthia Beatrice Costa Liliane Fernanda Pedroso |
| Colaboradora na pesquisa | Bel Assunção Azevedo |

ARTE

| | |
|-------------------------------|---------------------------|
| Projeto gráfico e ilustrações | Ricardo Azevedo |
| Editor | Vinícius Rossignol Felipe |
| Diagramador | Claudemir Camargo |

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

A986c

Azevedo, Ricardo, 1949-

Contos e lendas de um vale encantado : Uma viagem
pela cultura popular do vale do Paraíba / texto e ilustrações

Ricardo Azevedo. - 1. ed. - São Paulo : Ática, 2010.

128p. : il.

ISBN 978-85-08-12727-6

1. Ficção infantojuvenil. I. Título. II. Série.

09-4872.

CDD: 028.5

CDU: 087.5

ISBN 978 85 08 12727-6 (aluno)

ISBN 978 85 08 12728-3 (professor)

Código de obra CL 736853

2014

1ª edição

3ª impressão

Impressão e acabamento:

Todos os direitos reservados pela Editora Ática, 2010

Av. Otaviano Alves de Lima, 4400 — CEP 02909-900 — São Paulo, SP

Atendimento ao cliente: 4003-3061 — atendimento@atica.com.br

www.atica.com.br

IMPORTANTE: Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



R i c a r d o A z e v e d o



*Contos e lendas
de um
vale encantado*

Uma viagem pela cultura popular
do vale do Paraíba



ea

editora ática

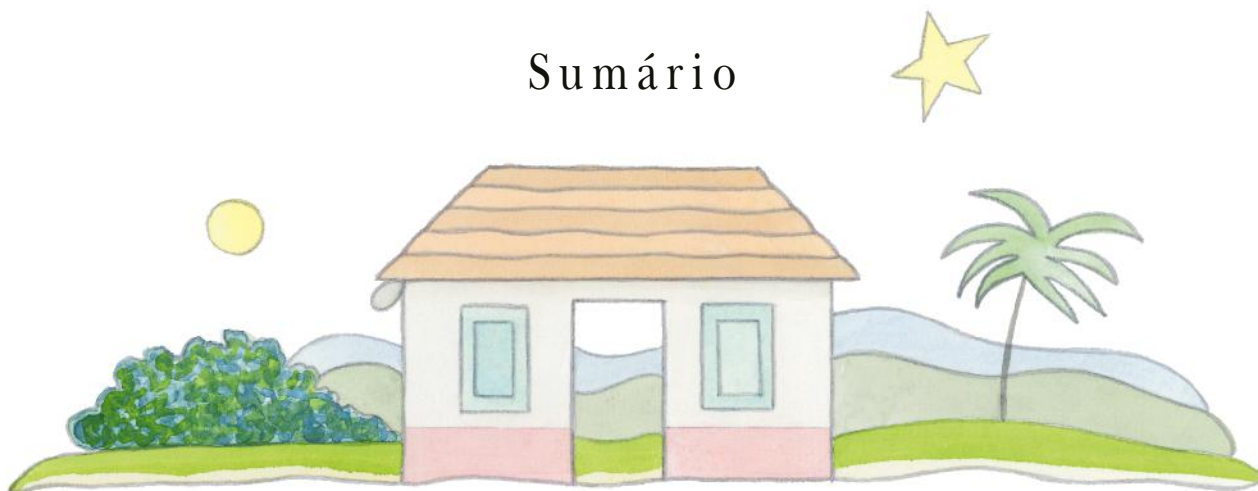


Em memória de meus pais

Para meus irmãos Regina, Luiz, João e Alberto

Para Bel, Zuza e Clara

Sumário



Apresentação 7

- A onça, a tartaruga e o jacaré 8 ●
 - Quadras 12 ●
 - A lenda do Saci 14 ●
 - Ditados 19 ●
 - A papada do papudo 20 ●
 - Adivinhas 28 ●
- A lenda de como Deus fez o homem 30 ●
 - Receitas 33 ●
 - Sopa de malandro 34 ●
 - Crendices 38 ●
- A lenda da cobra que mama 40 ●
- O urubu, o macaco e o cachorro-do-mato 44 ●
 - Quadras 48 ●
 - A lenda do tatu 50 ●



- Ditados 53 •
- A filha bonita do Diabo 54 •
 - Receitas 63 •
- A lenda do galope dentro da noite 64 •
 - Adivinhas 68 •
 - Pedro Valentão 70 •
 - Crendices 75 •
- A lenda do Corpo-Seco 77 •
- A onça, o cachorro-do-mato e a coruja 81 •
 - Quadras 86 •
- A lenda do Curupira 88 •
 - Ditados 95 •
 - O Sargento de Pau 96 •
 - Adivinhas 106 •
 - Receitas 108 •
- De como Pedro Malazarte foi parar no céu 109 •
 - Crendices 118 •
- A lenda da imagem aparecida nas águas do rio 120 •
 - Posfácio 125





Apresentação



*No dia que eu morrer
Não precisa me enterrar
Me joga no Paraíba
Deixa a água me levar.
Quadra popular*

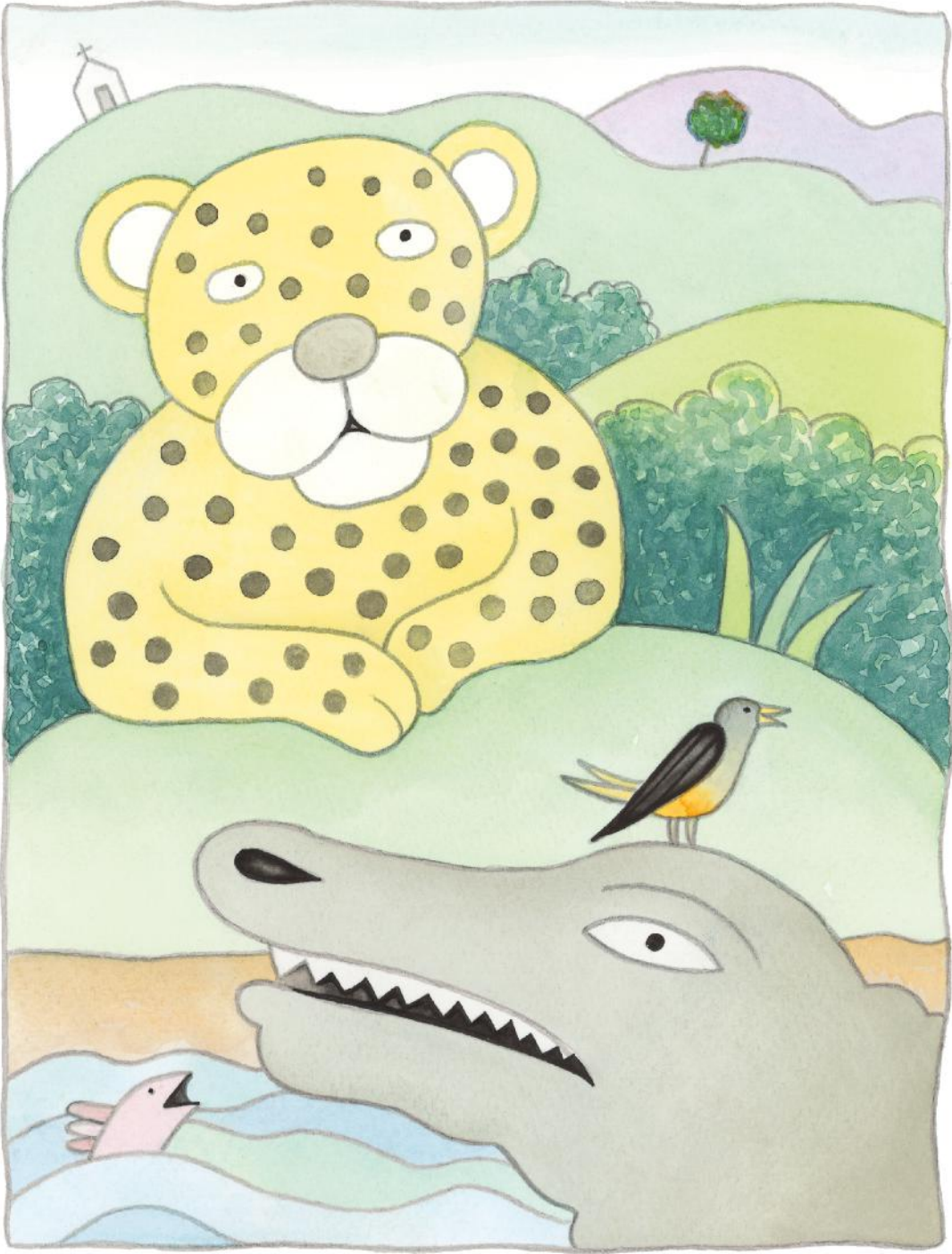
O vale do Paraíba fica entre São Paulo e Rio de Janeiro. Quando eu era criança, toda vez que a família viajava para o Rio, meu pai, guiando o carro, ia mostrando: “Olha aquela casinha no alto do morro. Não é tijolo não. Aquilo é taipa, paredes feitas de terra úmida batida com uma estrutura de madeira. O povo faz casas assim desde o tempo dos bandeirantes. Tá vendo aquele sujeito na estrada carregando uma cruz? Vai a pé daqui até Aparecida pagar promessa. Olha que beleza aquela serra roxo-azulada lá longe. É a Mantiqueira. O pico das Agulhas Negras fica lá no alto. Tem quase 3 mil metros. Desse lado é a serra do Quebra-Cangalha. Cangalha é uma armação de madeira que o pessoal coloca no lombo dos burros pra levar coisas. Uma espécie de caçamba. A serra tem esse nome porque antigamente os tropeiros precisavam passar por ela para chegar ao litoral e não era fácil. Ela é cheia de subidas e descidas. Tá vendo aquelas palmeiras lá longe plantadas em fila? Devem ter mais de 200 anos. Viu a sede daquela fazenda? Olha lá aquele oratório com uma cruz na beira da estrada. É sinal de que alguém morreu ali sozinbo”.

Enquanto isso, as cidades iam passando: Jacareí, São José, Caçapava...

Perto de Cruzeiro, a rodovia Dutra cruza o rio Paraíba. Meu pai sempre estacionava e fazia todo mundo descer do carro. Ficava parado, em silêncio, olhando o rio. Ele e boa parte de minha família pelo lado paterno nasceram em Lorena, o antigo povoado de Hepacaré, próximo de Cruzeiro. Eu era pequeno. Lembro do vento morno batendo, daquele rio caudaloso correndo por entre as pedras e de morros redondos por todos os lados. No começo, achava o rio Paraíba igual aos outros. Pouco a pouco, de viagem em viagem, de parada em parada, fui aprendendo a gostar dele, a enxergar detalhes que antes não enxergava. Aprendi também a ver e admirar aquela paisagem quase feminina, cheia de montanhas e morros encaixados uns nos outros e árvores solitárias e frondosas com casinhas penduradas lá longe.

Só sei que essas paisagens, histórias, tradições, crendices e festas viraram um lugar encantado dentro de mim. Eis a principal razão deste livro.

Ricardo Azevedo



A onça, a tartaruga e o jacaré

A onça-pintada achava que era o bicho mais forçudo do mato inteiro.

O jacaré achava que era o bicho mais forçudo das águas do rio.

Quando a tartaruga passava no mato em busca de um pouco de comida, a onça dizia:

— Lá vem esse bicho lerdo, banguela, feioso, fracote!

A onça-pintada ria. A tartaruga passava sem dizer nada.

Quando a tartaruga chegava na beira do rio para beber um pouco d'água, o jacaré dizia:

— Lá vem esse bicho fracote, feioso, banguela, lerdo!

O jacaré ria. A tartaruga ia embora sem dizer nada.

Um dia a tartaruga teve uma ideia. Entrou no mato, procurou a onça-pintada e disse:

— Lerdo, banguela, feioso e fracote, nada! Sou muito mais forte que você!

A onça caiu na risada:

— Sai pra lá bicho banguela de meia-tigela!

Mas a tartaruga fez cara de ameaça:

— Olha que eu joga você dentro do rio! Quer valer quanto?

A onça gritou:

— Tá apostado!

A tartaruga tinha um plano.

Foi, foi, foi e chegou na beira do rio. Chamou o jacaré e disse:

— Fracote, feioso, banguela, lerdo, nada! Sou muito mais forte que você!

O jacaré deu aquela risada cheia de dentes:

— Sai pra lá bicho fracote feito pixote!

Mas a tartaruga fez cara de ameaça:

— Olha que eu joga você dentro do mato! Quer valer quanto?

O jacaré gritou:

— Tá apostado!

A tartaruga foi correndo falar com a onça-pintada. Levou uma corda bem grossa.

— É hoje!

Mandou a onça amarrar a corda bem amarrada na barriga e explicou:

— Quando for a hora eu assobio. Você puxa e eu puxo. Se eu ganhar você vai pro fundo do rio. Se eu perder você me mata!

A onça gostou da ideia:

— Combinado!

Amarrou a corda na barriga e ficou esperando.

A tartaruga correu com a corda e foi até a beira do rio. Chamou o jacaré e fez a mesma coisa. Mandou amarrar a corda bem amarrada na barriga e esperar o assobio. Disse:

— Se eu ganhar você vai pro meio do mato. Se eu perder você me mata!

O jacaré gostou da ideia:

— Combinado!

Amarrou a corda na barriga e ficou esperando.

Foi quando a tartaruga correu para o meio do mato, subiu numa pedra e assobiou assim:

fi fi ri fi fiu

A onça-pintada, lá no mato, começou a puxar.

O jacaré, lá no rio, começou a puxar.

Uma hora, a onça fez tanta força que quase arrastou o jacaré por cima da terra.

Outra hora, o jacaré fez tanta força que quase arrastou onça-pintada para dentro do rio.

“Eta tartaruga danada de forte!”, pensou a onça suada e assustada.

“Eta tartaruga danada de forte!”, pensou o jacaré assustado e suado.

De repente, a tartaruga gritou:

— Que moleza! Que fiasco! Assim tá fácil demais! Ainda não usei nem metade da minha força!

E começou a assobiar tranquilamente:

fi fi ri fi fiu

fi fi ri fi fiu

Ao ouvir o assobio folgado da tartaruga, a onça se apavorou e fez mais força.

Ao ouvir o assobio folgado da tartaruga, o jacaré se apavorou e fez a mesma coisa.

No fim, foi tanta força, tanta força, tanta força que a corda esticada não resistiu e partiu no meio.

Com isso, a onça levou um tombo, ficou toda machucada e foi se esconder no fundo do mato.

Com o jacaré foi igual. Levou um tombo, quase que se afogou e foi se esconder no fundo do rio.

Os dois fugiram pensando:

— Nossa! Tá louco! Eu, hein? Não é que essa tartaruga é o bicho mais danado e forçudo da floresta inteira?



Quadras

Ó senhor mestre carreiro,
Como chama o vosso boi?
O meu boi chama saudade
De um amor que já se foi.

Meu Santo Antônio querido
Meu santo de carne e osso
Se não me der um marido
Eu jogo você no poço.

Adeus, meu fogão de lenha
Que foi para nunca mais
Deixando no seu lugar
O frio fogão a gás.

Com jeito tudo se arranja
De tudo o jeito é capaz
A coisa é ajeitar o jeito
Só que isso ninguém faz.

Uma xícara de café
Anima qualquer roceiro
Mas o beijo da morena
Vale mais que o mundo inteiro.

